

Arquivos musicais como agentes de revitalização da memória social: o caso do arquivo *Mater Verbi*

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO EM SIMPÓSIO

SIMPÓSIO: Acervos musicais brasileiros

Jéssica Wisniewski Dias
PPG-ACL/UFJF
jessicawisnie@gmail.com

Resumo. O presente artigo visa compreender o papel dos arquivos musicais na revitalização da memória coletiva e social, utilizando como exemplo o arquivo do coral *Mater Verbi*. O objetivo deste estudo é compreender como o arquivo em questão atua enquanto portador de uma memória social e cultural na cidade de Juiz de Fora (MG) através de seus documentos escritos, orais e sonoros. Serão discutidas as problemáticas relacionadas à materialidade do arquivo, seus desafios e suas potencialidades na contemporaneidade. Este trabalho trata-se de uma pesquisa realizada a partir de um levantamento bibliográfico e visitas ao arquivo *Mater Verbi*. O referencial teórico utilizado parte dos estudos de memória (Halbwachs, Le Goff, Gondar, Candau, Nora, Pollak), arquivologia (Assmann, Farge, Cotta; Blanco, Samain) e mídias (Bogalheiro, Buarque, Huysen.). Através da análise do arquivo do coral *Mater Verbi*, é possível observar, como resultado obtido, a preservação da história e identidade do coral, assim como a ativação de memórias individuais e coletivas através de suas transmissões.

Palavras-chave. Memória social, Arquivos musicais, Rememoração.

Title. Musical Archives as Agents for the Revitalization of Social Memory: the Case of the Mater Verbi Archive

Abstract. This article aims to understand the role of musical archives in revitalizing Collective and Social Memory, using the *Mater Verbi* choir archive as an example. The main goal of this study is to understand how the archive in question acts as a bearer of a Social and Cultural Memory in the city of Juiz de Fora (MG) through its written, oral and sound documents. It also discusses problems related to the materiality of the archive, the challenges of musical archives and their potential in contemporary times. This research is based on a bibliographic survey and visits to the *Mater Verbi* archive. The theoretical framework used stems from Memory Studies (Halbwachs, Le Goff, Gondar, Candau, Nora, Pollak), Archival Science (Assmann, Farge, Cotta; Blanco, Samain) and Media (Bogalheiro, Buarque, Huysen). Through the analysis of the *Mater Verbi* choir archive, it is possible to observe, as a result, the preservation of the history and identity of the choir, such as the activation of Individual and Collective Memories through its transmissions.

Keywords. Social memory, Musical archives, Recollection.

Apresentando noções de memória, arquivo e seus desafios na contemporaneidade

Entende-se por memória um processo individual, coletivo e social, sendo construído e moldado através das interações e relações sociais. A memória traduz-se não apenas como a vontade de agrupar lembranças; ela encontra-se intimamente conectada às raízes de uma sociedade. Halbwachs (1990) argumenta que a memória não é uma reprodução fiel do passado, mas sim uma reconstrução ativa e dinâmica, influenciada pelas experiências compartilhadas e pelas narrativas coletivas. A memória é moldada pelos contextos sociais, culturais e históricos no qual as pessoas estão inseridas, sendo transmitida e preservada mediante práticas sociais, como rituais, tradições e narrativas compartilhadas. A memória, portanto, é um fenômeno coletivo que desempenha um papel fundamental na formação da identidade e na construção da história de uma sociedade.

De maneira geral, divide-se a memória em três: A memória individual é a capacidade de um indivíduo recordar eventos, experiências e informações específicas, que foram vivenciadas ao longo de sua vida. Ela é única para cada pessoa e influenciada por fatores como emoções, percepções e experiências pessoais. A memória coletiva é compartilhada por um grupo de pessoas que possuem uma identidade comum. Ela é construída a partir das experiências e lembranças compartilhadas por esse grupo e transmitida de geração em geração, sendo moldada por eventos históricos, tradições, rituais e narrativas compartilhadas, e desempenhando um papel de relevância na formação da identidade e coesão social. Já a memória social refere-se à memória coletiva amplamente difundida e compartilhada em uma sociedade mais ampla. Ela abrange as memórias coletivas de diferentes grupos e comunidades no interior de uma sociedade, sendo influenciada por fatores como a mídia, a educação e as instituições sociais. A memória social é construída e moldada por narrativas históricas, símbolos culturais e eventos significativos amplamente reconhecidos e lembrados pela sociedade como todo.

Apesar da memória comportar diversos sentidos e suas divisões tratem-se de conceitos polissêmicos entre autores (GONDAR, 2008), parte-se, neste estudo, da premissa de que esses diferentes tipos de memória estão interconectados e influenciam-se mutuamente. A memória individual contribui para a formação da memória coletiva, à medida que as experiências pessoais são compartilhadas e incorporadas à narrativa coletiva. Por sua vez, a memória coletiva e social moldam as percepções individuais e influenciam como as pessoas

lembram e interpretam eventos e informações. A preservação e revitalização da memória individual, coletiva e social mostram-se fundamentais para a compreensão e preservação da história, cultura e identidade de uma sociedade.

Sabe-se, por Halbwachs (1990), que a transmissão de uma memória pode se dar através do fenômeno da rememoração. Este refere-se ao processo pelo qual as memórias individuais são influenciadas e moldadas pelas memórias coletivas e pelo contexto social em que estão inseridas. Argumenta-se que as lembranças individuais são construídas e mantidas em relação às lembranças compartilhadas por um grupo social. A rememoração, portanto, não se trata de um ato isolado e individual, mas sim de um processo social e coletivo. Destaca-se ainda um caráter afetivo contido no ato de recordar: “Esta comunidade afetiva é o que permite atualizar uma identificação com a mentalidade do grupo no passado e retomar o hábito e o poder de pensar e lembrar como membro do grupo” (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 289).

Destaca Candau (2018) que, para uma memória ser passível de transmissão, esta necessita de identificação e apego afetivo por parte dos indivíduos envolvidos, além da presença de uma comunidade afetiva que permita a atualização da identificação com o grupo no passado. Argumenta que a transmissão de memória não é apenas uma questão de preservação do conteúdo, mas também de manutenção dos laços sociais e da identidade coletiva.

No que diz respeito à prática arquivística, apesar de remontar à Antiguidade, sua profissionalização e sistematização como disciplina ocorreu apenas no século XIX, com o surgimento de instituições arquivísticas e a elaboração de princípios e técnicas para a gestão de arquivos (DURANTI; MACNEIL, 1996). Segundo a própria legislação brasileira, a terminologia oficial do conceito de arquivo resume-se a:

1. Conjunto de documentos independente da natureza dos suportes, acumulados por uma pessoa física ou jurídica, pública ou privada, ao longo de suas atividades; 2. Instituição ou serviço que tem por finalidade a custódia, o processamento técnico, a conservação e utilização de arquivos. (BRASIL, 1996, p. 26, apud COTTA; BLANCO, 2006, p. 23)

Complementa Cotta e Blanco (2006) que, em relação aos arquivos musicais, é particularmente interessante a primeira denominação citada: um conjunto de documentos¹

¹ “Documento é qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa. É o livro, o artigo [...], a tela, a escultura, [...] o filme, o disco, a fita magnética [...], enfim, tudo o que seja produzido

acumulados por um organismo, seja este, pessoa ou instituição. Utiliza-se, neste estudo, junto a concepção apresentada, a noção do arquivo como um lugar vivo e portador das subjetividades da memória, diferindo-se de sua concepção tradicional como local estável, que guarda objetos do passado.² Os arquivos são lugares onde circulam subjetividades, testemunhos e memórias, estando em constante evolução. Sendo assim, não se tratam apenas de espaços que guardam objetos de lembrança; estão relacionados à forma como nos relacionamos com esses objetos que nos atravessam e nos afetam, permanecendo em constante reconstituição.

Colabora Samain (2012) ao descrever o arquivo como uma memória em latência, um espaço que guarda objetos de lembrança e que pode ser descoberto e reaberto no futuro. Ressalta ainda a relação simbólica entre os objetos presentes no arquivo, evidenciando novamente sua subjetividade e a relevância das memórias, que estão contidas nesses espaços. Para Assmann (2011) os arquivos são como portadores de histórias cotidianas e das histórias de quem por ali passou. Através destas concepções, identifica-se, portanto, uma noção de arquivo que se assemelha ao que Nora (1993) define por lugares de memória.

Os lugares de memória são espaços materiais ou simbólicos onde a memória habita e é capaz de se revitalizar e reconstituir constantemente. Nora (1993) os descreve como templos que secretam vida e morte, tempo e eternidade, coexistindo em uma espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado. São espaços que imortalizam a morte e funcionam como universos de realidades coexistentes, multidimensionais. Destaca-se a relevância desses lugares na preservação da memória ameaçada de esquecimento e na constante construção e reconstrução da identidade coletiva. Estes lugares constituem-se na problemática do eixo história-memória, onde é possível encontrar abordagens de tratamento distintas por parte da história e dos estudos de memória: a história carrega uma versão reconstruída e, por assim dizer, oficializada do passado, possuindo caráter fixo, enquanto a memória é envolta de constante renovação, transmitida entre meios sociais, e participante de uma ação cultural, por seu caráter que pode ser individual ou coletivo e social.³

por razões funcionais, jurídicas, científicas, técnicas, culturais ou artísticas pela atividade humana” (BELLOTTO, 1991, p. 14, apud COTTA; BLANCO, 2006, p. 19).

² Farge (2009) afirma que os arquivos não se assemelham a textos, documentos impressos, relatos, correspondências ou autobiografias. Destaca que é difícil explicar os arquivos apenas por sua materialidade, pois eles também são guardiões de memórias, ritos e costumes.

³ Para Natali (2006), a diferença entre memória e história reside na forma como cada uma aborda o passado. A memória é subjetiva e individual, baseada nas lembranças pessoais e nas experiências vividas por indivíduos ou grupos. Ela é influenciada e modificada por interpretações pessoais, podendo ser transmitida oralmente ou

Dito isto, museus e monumentos não necessariamente se configuram como lugares de memória, pois que muitas vezes são organizados a partir do funcionalismo histórico. Isto é, se tratam de lugares fixos, pertencentes ao passado e a versão oficial contada sobre ele. A problemática apontada por Nora (1993) resume-se a preocupação de uma historicização dos lugares de memória, colocando-os como lugares atrelados ao passado, perdendo, por fim, sua capacidade de transmissão no tempo presente e seu sentido de memória.⁴

Ainda em relação à problemática pontuada, há sempre um movimento dicotômico no interior destes lugares. Os lugares de memória se constituem a partir da necessidade de criar meios não-espontâneos e comemorativos para guardar lembranças ameaçadas de esquecimento. É o caso de arquivos, aniversários, notas fúnebres, entre outros. Dessa forma, na tentativa de apreender um momento, esses lugares também são tomados pela história e, sem a vigilância comemorativa, passam a fazer parte do movimento da história e, conseqüentemente, morrem.⁵

Discute-se, em outra instância, a respeito da materialidade e perecimento do arquivo. Essencialmente, observa-se que os problemas relacionados à materialidade do arquivo estão ligados à preservação, acesso e obsolescência dos suportes físicos que armazenam as informações. Alguns desses problemas incluem: deterioração física, obsolescência tecnológica, fragilidade dos suportes, acesso restrito à informação contida e custos de preservação (FARGE, 2009).

Segundo Huyssen (2000), o impasse entre os avanços tecnológicos e os arquivos está relacionado à tensão entre a efemeridade e a permanência. Segundo o autor, a cultura digital e a velocidade da tecnologia desafiam a noção tradicional de arquivo como um local de preservação e memória estável. Os avanços tecnológicos permitem a criação e disseminação de informações de forma rápida e eficiente, mas também contribuem para a obsolescência e a

mediante relatos. Já a história parte de uma construção mais objetiva, baseada em evidências documentais e em uma abordagem científica. Ela visa reconstruir o passado de forma sistemática, utilizando métodos de pesquisa e análise crítica. Enquanto a memória é mais fluida e subjetiva, a história visa estabelecer fatos e interpretações baseados em evidências de fontes documentais.

⁴ Este estudo visa observar o arquivo a partir de uma metodologia pautada nos estudos de memória e tomando-os enquanto lugares de memória, a partir de sua vida subjetiva. Não se trata de excluir a visão historiográfica, tendo em vista que memória e história devem caminhar conjuntamente. A discussão a respeito do eixo história-memória serve como apoio para melhor entendimento do paradoxo destes lugares, não havendo discussões mais aprofundadas a respeito do tema.

⁵ “Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. [...] E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhes são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva”. (NORA, 1993, p. 13)

fragilidade dos suportes digitais. Nesse sentido, o autor aponta para a necessidade de repensar o conceito de arquivo diante dos desafios trazidos pelas novas mídias: sugere que os arquivos devem ser vistos como processos em constante transformação, em vez de entidades fixas e imutáveis; o que contribui à premissa do conceito de arquivo apresentado neste estudo. Isso implica em repensar as práticas de preservação, acesso e organização dos arquivos.

Assmann (2011) corrobora sugerindo a necessidade de uma reorganização dos arquivos devido às mudanças de paradigma no armazenamento de documentos, argumentando que não é mais suficiente garantir a conservação segura desses documentos apenas os armazenando, pois eles estão sujeitos a um processo de erosão lento, mas previsível. A autora propõe a transmigração de dados como uma forma criativa de lidar com essas mudanças, utilizando avanços tecnológicos para armazenar e preservar os dados de forma mais eficiente. Enfatiza-se, assim, a importância de adaptar os arquivos às novas formas de armazenamento de dados, os quais são cada vez mais dependentes de mídias tecnológicas.

Conceitua-se a memória, o arquivo e as práticas arquivísticas a fim de analisar o arquivo do coral *Mater Verbi*, da cidade de Juiz de Fora (MG), e suas fontes (entre documentos escritos, musicais e fotográficos), evidenciando por quais meios sua memória é transmitida para a comunidade local, a fim de sugerir novos caminhos e abordagens que possam, eventualmente, propor uma reconfiguração da memória mediante o contexto contemporâneo. Tal objetivo parte do paradigma de identificar por quais razões o grupo em questão está ainda em atividade, completando seus 70 anos de existência, atuando também enquanto reconhecida entidade cultural e de memória para a cidade. A partir dos estudos de mídia e memória, evidencia-se a problemática relacionada à fragilidade dos documentos encontrados, perguntando-se quais as possibilidades de sobrevivência do arquivo material mediante a ação temporal. Questiona-se, igualmente, qual é o papel social do arquivo e quais são as possibilidades de transmissão da memória a partir deste.

Como procedimento metodológico, foram realizadas visitas ao arquivo do coral *Mater Verbi* durante os anos de 2019 a 2022, captando imagens de documentos encontrados, os quais, junto a um levantamento bibliográfico e relatos extra-oficiais de membros da comunidade, puderam ser analisados e desvelados. Os relatos escritos deixados pelo fundador do grupo também tiveram papel fundamental para melhor compreensão do *Mater Verbi* enquanto agente de memória da cidade de Juiz de Fora. Este trabalho é um desdobramento da dissertação de mestrado da autora e de seu projeto de doutorado, em andamento.

O arquivo *Mater Verbi*: documentos e transmissão de memória

O coral *Mater Verbi*, também conhecido como “Coral da Academia”,⁶ foi fundado oficialmente em 1953 no Colégio Academia em Juiz de Fora, pelo padre compositor José Maria Wisniewski (1913-1995), pertencente à Congregação do Verbo Divino (SVD), não se tratando, portanto, de um padre diocesano. O objetivo inicial do grupo visava educar crianças e jovens por meio da música litúrgica católica, porém, ao longo dos anos, expandiu seu repertório,⁷ apresentando-se em eventos nacionais e internacionais, programas de rádio e televisão, tornando-se um agente cultural da cidade.

O arquivo do coral *Mater Verbi* está também localizado no Colégio Academia, mais precisamente no Núcleo Artístico "Padre José Maria Wisniewski", alcunha que homenageia o padre fundador do coral. O arquivo contém uma variedade de documentos, dentre estes: diários pessoais de padre José Maria Wisniewski, livros em formatos de crônicas que contam a trajetória do coral, partituras musicais, fitas magnéticas de rolo com gravações de ensaios, LPs, CDs, filmes em formato VHS e DVD que registram as aparições do grupo, álbuns de fotografias, vestimenta utilizada nas apresentações, certificados, medalhas e condecorações. A maioria de seu conteúdo foi documentada pelo próprio padre José Maria Wisniewski, havendo continuidade desta documentação, após seu falecimento, pelos regentes sucessores do grupo. Esses documentos são testemunhos da trajetória do coral ao longo dos anos e da contribuição do padre para o grupo e a comunidade local.⁸

Pretende-se, nesta sessão, reconhecer os documentos arquivados como meios de transmissão de memória, destacando sua relevância também para a memória cultural local. Para tal, retoma-se, inicialmente, a premissa do arquivo enquanto espaço vivo e simbólico. A partir desta concepção, o arquivo do coral *Mater Verbi* pode ser visto enquanto lugar de memória por preservar não apenas os documentos físicos, mas também as lembranças e saberes vividos pelos membros do coral, estando ainda em estado de transformação e, assim, sendo perpassado por memórias individuais, coletivas e sociais; estas que possibilitam a rememoração, reconstituição e revitalização constante através de seu conteúdo.

⁶ O coral foi, até o ano de 2021, formado apenas por meninos cantores. Atualmente, consiste em um grupo de vozes mistas aberto à comunidade do Colégio Academia como todo.

⁷ O repertório do coral abrange obras da música litúrgica, cantos gregorianos, compositores do Movimento Ceciliano, compositores renascentistas e arranjos de canções do folclore brasileiro.

⁸ Os dados e documentos do arquivo *Mater Verbi* são coletados desde 2019 até o momento presente, por meio de visitas presenciais ao local, integrando as pesquisas de dissertação e doutorado do(a) autor(a) em questão.

Figura 1 – Imagem retirada do livro de crônica de 1995. Os meninos cantores posam na fachada principal do Colégio Academia. Ao lado esquerdo inferior, está o padre José Maria Wisniewski, e ao lado direito inferior, o então regente Fernando Vieira.



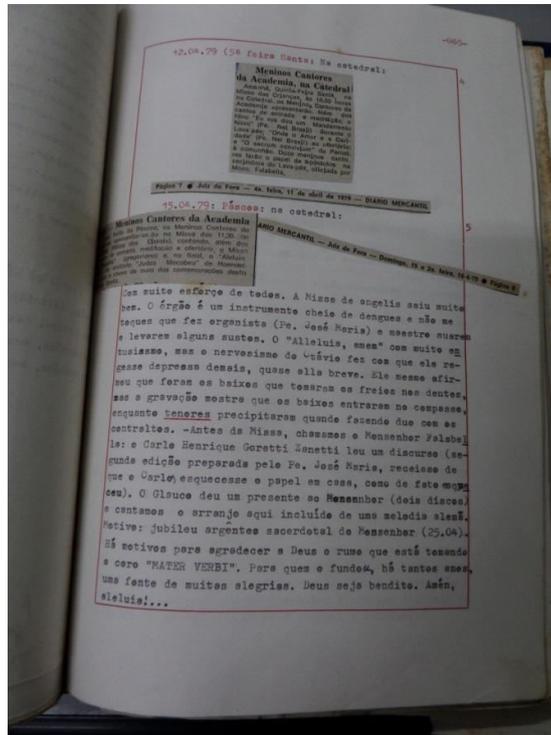
Fonte: Arquivo do coral *Mater Verbi* (2022)

Em relação à transmissão de memória no coral *Mater Verbi*, constata-se que esta ocorre por meio da rememoração e transmissão oral de lembranças entre os membros do grupo. A transmissão oral das memórias permite que elas se mantenham vivas e atualizadas ao longo do tempo, sendo transmitidas de uma geração para outra (POLLAK, 1989). Neste caso, o princípio afetivo da rememoração é ativado por meio do regente, que deve possuir relação com o grupo (ex.: ter sido ex-coralista), agindo como ator social no processo de transmissão e sendo o responsável por evocar as histórias e membros passados para os cantores atuais, bem como aplicar a metodologia de ensino desenvolvida por padre José Maria Wisniewski.

Além disso, observa-se que a transmissão escrita também desempenha um papel de relevância na preservação e transmissão das memórias pessoais para o âmbito social, como as crônicas e tomos escritos pelo padre. Estes documentos registram as histórias, as conquistas, as apresentações e as experiências vividas pelo grupo, desde sua fundação até os dias atuais. As crônicas, ainda em fase corrente, permitem que as memórias sejam preservadas e transmitidas para as gerações futuras de cantores e regentes preparadores, contribuindo para a construção da identidade do coral *Mater Verbi*, e reforçando a importância do legado deixado pelo padre José Maria Wisniewski e pelos demais regentes e diretores do grupo ao longo dos anos.

O interior das crônicas conta também com fotografias, programas de concerto e recortes de jornais divulgando as apresentações do grupo. Através desse material, é possível observar o papel social desenvolvido pelo coral *Mater Verbi* como agente da memória cultural de Juiz de Fora, a exemplo dos anuais concertos de natal que ocorriam nas ruas da cidade e que, até o presente, são constantemente rememorados pela comunidade juiz-forana. Discorre Assmann (2011): a memória cultural define-se como um processo de construção e transmissão de significados coletivos ao longo do tempo. Segundo a autora, a memória cultural é formada por um conjunto de práticas, representações e símbolos compartilhados por um grupo social, e contribuem para a formação da identidade coletiva. Ademais, destaca-se a importância desta na preservação e renovação dos ritos, e na construção do sentido de continuidade histórica.

Figura 2 – Exemplo de página do interior da crônica de 1973-1980. Na imagem, é possível observar recortes de jornal divulgando apresentações do grupo e os relatos sobre as mesmas, escritos pelo padre José Maria Wisniewski



Fonte: Arquivo do coral *Mater Verbi* (2019)

Figura 3 – Recorte do interior crônica de 1990 a 1995. A matéria do dia 20 de dezembro de 1991, realizada pelo jornal Tribuna de Minas, divulga datas de apresentação e história do Coral Mater Verbi.



Fonte: Arquivo do coral *Mater Verbi* (2022)

Figura 4 – Fotografia retirada da mesma crônica (1990-1995), com a apresentação do grupo em um dos principais pontos da cidade, o calçadão da rua Halfeld.



Fonte: Arquivo do Coral Mater Verbi (2022)

Além da transmissão escrita e oral já discutidas, há de se pontuar a presença da transmissão através da gravação e reprodução musical. Durante o ano de 2022, foram encontradas pelo regente atual do grupo uma quantidade de fitas magnéticas de rolo no arquivo do coral *Mater Verbi*. Através das descrições escritas no interior das capas de fitas, é possível observar que seu conteúdo se trata majoritariamente de gravações de ensaios do grupo em suas diversas formações anteriores, além de obras musicais clássicas gravadas por orquestras e histórias para crianças. As primeiras fitas datam da década de 1960, e as últimas, da década de 1980. Durante as pesquisas no arquivo, foi possível reproduzir uma das fitas, que estava inserida em um aparelho gravador de som próprio para esse formato, conhecido como “magnetofone”,⁹ revelando um ensaio de naipes e uma peça para voz solo, do ano de 1985. Não foi possível reconhecer de que obra musical se tratava.

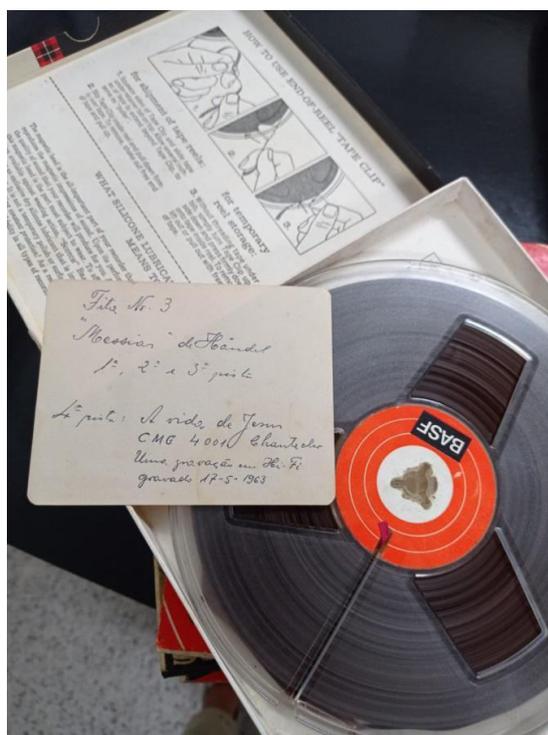
Figura 5 – Fotografia de parte das fitas magnéticas, encontradas no arquivo do coral *Mater Verbi*.

⁹ “A gravação magnética surgiu no século XIX, mas foi utilizada em baixa escala, paralelamente aos cilindros e gramofones. Seu uso mais amplo só ocorreu durante a II Guerra Mundial, pelas rádios alemães. Após a guerra, a tecnologia chegou aos Estados Unidos, a partir de onde se disseminou mundialmente. Até meados dos anos 1950, o uso dessa tecnologia era restrito ao meio profissional e à indústria fonográfica. A partir de então, foram desenvolvidos gravadores domésticos, rodando em velocidades mais lentas” (BUARQUE, 2008, p. 41-42).



Fonte: Arquivo do coral *Mater Verbi* (2022)

Figura 6 – Descrição de uma das fitas magnéticas, escrita pelo padre José Maria Wisniewski



Fonte: Arquivo do coral *Mater Verbi* (2022)

As fitas encontradas conferem enquanto um importante registro de memória do coral *Mater Verbi*. Elas permitem que as memórias musicais sejam revividas e compartilhadas,

possibilitando uma presentificação do passado e a compreensão da evolução do grupo ao longo dos anos, transmitindo, através dos registros fonográficos, as práticas musicais realizadas e possibilitando seu entendimento para gerações futuras de cantores. Estes documentos sonoros capturam as vozes, as interpretações musicais e as emoções dos membros do coral, proporcionando uma experiência auditiva que permite reviver e compartilhar as memórias musicais do grupo. Ademais, podem ser utilizados como recursos pedagógicos, permitindo que os membros do coral estudem e aprendam com as performances anteriores, preservando assim a tradição musical do grupo.

Em relação aos documentos em formato material e simbólico apresentados como formas de transmissão da memória por meio do arquivo do coral *Mater Verbi*, há de se pontuar a problemática do arquivo paradoxal, introduzida por Bogalheiro (2020). O autor define o conceito a partir da relação temporal e a materialidade do arquivo em tempos contemporâneos. O paradoxo surge da dualidade entre a tendência de todos os meios de registro se tornarem um arquivo universal que guarda tudo, especialmente com a digitalização, e a constatação de que esse arquivo cultural se replica infinitamente a si, resultando em um “eterno presente” que apenas reescreve as referências simbólicas da atualidade. Essa problemática questiona a natureza do arquivo e sua capacidade de preservar a memória em um contexto em que a cultura contemporânea valoriza a nostalgia e a proliferação excessiva da memória através das mídias.

Mediante o contexto contemporâneo de preservação e acessibilidade de arquivos, observa-se ainda uma mudança no fenômeno da rememoração. Huyssen (2003) discute a rememoração em tempos atuais, definindo o momento como uma era de aceleração e fragmentação, na qual a memória é constantemente desafiada e ameaçada pela cultura do esquecimento. Destaca também um rompimento social entre cultura e memória, provocando a seguinte indagação: rememorar o que e para quem?

Caminhos para a preservação do arquivo *Mater Verbi* e sua memória

Propondo saídas aos paradigmas expostos, ressalta-se, de acordo com Huyssen (2000), que a rememoração contemporânea deve ser marcada pela interação entre o passado e o presente, através da reinterpretação e recontextualização das memórias. Os lugares de memória, por sua vez, tornam-se espaços de encontro entre as temporalidades, permitindo a reflexão e a negociação de significados. Além disso, enfatiza-se o papel das novas tecnologias, como a internet e as mídias digitais, no processo de rememoração

contemporânea. Huyssen (2003) argumenta que essas tecnologias oferecem novas possibilidades de acesso e compartilhamento de memórias: pode-se destacar a utilização das mídias digitais criativamente, oferecendo novas possibilidades de produção de conhecimento e diálogo democrático, a fim de fortalecer as transmissões de memórias. Isto pode envolver o uso de recursos interativos, como plataformas colaborativas, para compartilhar memórias de forma mais ampla. Embora a utilização das mídias digitais desenvolva um papel relevante como meio de rememoração na contemporaneidade, constata-se que também podem apresentar desafios, como a efemeridade e a manipulação das informações.

Adotar uma perspectiva arqueológica pode, também, se apresentar enquanto meio de saída ao arquivo paradoxal: ao olhar para o arquivo como um vestígio do passado, é possível explorar suas lacunas e segredos, preenchendo-os com a imaginação.¹⁰ Essa abordagem arqueológica permite uma reconstrução da memória a partir do que foi deixado de lado ou desapareceu, estimulando a criação de narrativas baseadas em vestígios. Segundo Samain (2012), o arquivo possui um desejo de futuro, tornando-se um projeto de construção e reconstrução possível. O gesto arqueológico permite decodificar o arquivo, respondê-lo e torná-lo acessível para as gerações futuras.

Portanto, para preservar a memória contida no arquivo do coral *Mater Verbi*, se faz necessário adotar uma abordagem que envolva tanto a difusão do material, através do olhar arqueológico e suas possíveis reconstruções, quanto a valorização das relações humanas, simbólicas e afetivas. A transmissão oral das lembranças, como sugerido por Pollak (1989), pode ser uma forma de manter viva a memória do coral por determinado tempo. Paralelamente, a utilização criativa das mídias digitais também pode se mostrar interessante ao caso do arquivo *Mater Verbi*, buscando novas formas de representação da memória para a problemática da rememoração contemporânea e do arquivo paradoxal, bem como proporcionar maior facilidade ao acesso, documentação e disseminação do conteúdo arquivado.

¹⁰ De acordo com Natali (2006), a relação entre memória e imaginação é estreita e complexa. A autora argumenta que a memória não é um registro objetivo e preciso do passado, mas sim uma construção subjetiva que envolve a imaginação. Esta, porém, não se trata de uma imaginação descabida, mas sim pautada nos vestígios dos arquivos, documentos e lugares de memória. A imaginação, portanto, desempenha um papel fundamental e intrínseco à memória, ao ser por meio dela que se preenchem as lacunas e reconstróem-se eventos passados. A imaginação como recurso da memória promove uma reconstrução baseada em fragmentos de informações e em nossa capacidade de imaginar e dar sentido a esses fragmentos.

Últimas considerações

Pensar os arquivos musicais se faz necessário para compreender o patrimônio cultural brasileiro, pois: “pensar as questões relativas à preservação e ao acesso ao patrimônio musical implica necessariamente em repensar a noção tradicional de patrimônio cultural” (COTTA; BLANCO, 2006, p. 25), não negligenciando as práticas que envolvem a atividade e a preservação musical, visto que estas são de extrema relevância para a compreensão e memória de determinada cultura.

O arquivo do coral *Mater Verbi* é de extrema relevância para a memória da cidade de Juiz de Fora. O coral, que em 2023 completa seus 70 anos de existência, desempenhou um papel significativo na cena musical local ao longo destes anos. Os documentos presentes no arquivo se mostram valiosos não apenas para que seja possível recontar a trajetória do grupo, mas também para uma preservação da memória cultural da cidade, recontando parte da história musical e artística de Juiz de Fora. Através do arquivo, é possível acessar e relembrar as conquistas, os momentos marcantes, as práticas musicais e as contribuições artísticas do coral ao longo de sua história. Registros estes fundamentais para a valorização do patrimônio musical e artístico local.

A partir dos apontamentos apresentados, é possível vislumbrar a combinação de diversas abordagens práticas para preservar e difundir a memória do coral *Mater Verbi* de maneira abrangente e significativa. Dentre as produções audiovisuais, estão a elaboração de um filme documentário sobre a história e as realizações do grupo, incluindo entrevistas com membros antigos e atuais, registros de apresentações ao longo dos anos e narrativas que destacam a trajetória do coral. Ademais, podem ser produzidos vídeos curtos que abordem momentos significativos na história do coral, destacando performances memoráveis e entrevistas com figuras-chave. A utilização de mídias digitais por meio de redes sociais e vídeos interativos é, também, uma ação possível para compartilhar regularmente histórias, curiosidades e eventos relacionados ao coral, alcançando um público mais amplo e envolvendo a comunidade. Criar um site ou uma plataforma online dedicada à memória do coral, igualmente, permitirá o acesso fácil a vídeos, imagens, documentos e outros materiais relacionados ao *Mater Verbi*.

A promoção de eventos e atividades de preservação, tais como reuniões de ex-membros, concertos comemorativos ou palestras, que propiciem a troca de memórias e histórias relacionadas ao coral, revela-se um caminho promissor para a valorização e

fortalecimento da memória afetiva. E, através da abordagem arqueológica, envolver a criação de exposições interativas que destacam momentos específicos da trajetória do coral. Por fim, mostra-se necessário o acesso facilitado ao arquivo e organização da documentação adequada, certificando-se de que o arquivo *Mater Verbi* seja devidamente catalogado e preservado para garantir que as gerações futuras tenham acesso a ele de forma fácil e confiável.

Referências

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Unicamp, 2011. 455 p.

BOGALHEIRO, Manuel. Nostalgia, o cancelamento do futuro e o arquivo paradoxal. *Revista de Comunicação e Linguagens*, Lisboa, n. 52, p. 105-124, 2020. Disponível em: <https://rcl.fesh.unl.pt/index.php/rcl/article/view/31>. Acesso em: 05 de mar 2023.

BUARQUE, Marco Dreer. Documentos sonoros: características e estratégias de preservação. *Ponto de Acesso*, Salvador, v. 2, n. 2, p. 37-50, ago./set. 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/81805>. Acesso em: 25 jun 2023.

CANDAU, Jöel. *Memória e identidade*. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018. 223 p.

COTTA, André Guerra; BLANCO, Pablo Sotuyo. *Arquivologia e patrimônio musical*. Salvador: EDUFBA, 2006. 92 p. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/bvc3g>. Acesso em: 20 jul 2023.

DURANTI, Luciana; MACNEIL, Heather. The protection of the integrity of electronic records: an overview of the UBC-MAS research project. *Archivaria*, Canadá, v. 1, n. 42, p. 46-67, 1996. Disponível em: <https://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/12153/13158>. Acesso em: 18 jul 2023.

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Edusp, 2022. 120 p.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. *Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 1-6, 2008. Disponível em: <http://seer.unirio.br/morpheus/article/view/4815>. Acesso em: 18 mai 2023.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2. ed. São Paulo: Editora revista dos tribunais, 1990. 188 p.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. 116 p. Disponível em: <https://cei1011.files.wordpress.com/2010/08/seduzidos-pela-memoria-andreas-huyssen.pdf>. Acesso em: 09 mai. 2022.

_____. *Present pasts: urban palimpsests and the politics of memory*. Stanford: Stanford university press, 2003. 192 p. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=E8jtTGB8VtUC&oi=fnd&pg=PP13&dq=Huysen,+A.+\(2003\).+Present+pasts:+Urban+palimpsests+and+the+politics+of+memory.+Stanford+University+Press.&ots=-RebteRZZC&sig=A7YER6sTEbLL8qmU0k_QmO-CIJg&redir_esc=y#v=onepage&q=Huysen%2C%20A.%20\(2003\).%20Present%20pasts%3A%20Urban%20palimpsests%20and%20the%20politics%20of%20memory.%20Stanford%20University%20Press.&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=E8jtTGB8VtUC&oi=fnd&pg=PP13&dq=Huysen,+A.+(2003).+Present+pasts:+Urban+palimpsests+and+the+politics+of+memory.+Stanford+University+Press.&ots=-RebteRZZC&sig=A7YER6sTEbLL8qmU0k_QmO-CIJg&redir_esc=y#v=onepage&q=Huysen%2C%20A.%20(2003).%20Present%20pasts%3A%20Urban%20palimpsests%20and%20the%20politics%20of%20memory.%20Stanford%20University%20Press.&f=false). Acesso em: 15 jun 2023.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003. 476 p.

NATALI, Marcos Pison. *A política da nostalgia: um estudo das formas do passado*. São Paulo: Nankin, 2006, 160 p. Disponível em: https://www.academia.edu/31009913/_A_pol%C3%ADtica_da_nostalgia_Um_estudo_das_formas_do_passado_%C3%ADndice_. Acesso em: 20 abr 2023.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 11 mar 2023.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 12 set. 2018.

SAMAIN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. *Visualidades*, Goiânia, v.10, n.1, p. 151-164, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/download/23089/13635/0>. Acesso em: 16 jun 2023.

SCHMIDT, Maria Luísa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v4n1-2/a13v4n12.pdf>. Acesso em: 10 mai 2019.